



Vidas secas e a consolidação editorial do Nordeste Seco: materialidades, reverberações e conformações de uma síntese regional

Barren lives and the editorial consolidation of the Dry

Northeast: materialities, reverberations and conformations of a regional synthesis

Dossiê: intérpretes do
Brasil

Susana Souto Silva*

ORCID: 0000-0001-7629-1383

E-mail:
ssoutos@gmail.com

Elexsandra Morone**

LATTES: 3056131849331373

E-mail:
lekemorone@gmail.com

Recebido: 30/11/2024

Aprovado: 27/05/2025

Resumo:

Pensar a construção do que chamamos de “imaginário nordestino” ao longo da formação do país passa, fundamentalmente, pela reflexão sobre o surgimento do romance brasileiro e seu impacto na constituição de um público leitor que, de modo simultâneo, foi aprendendo a ler o romance e a ver/ler o país que habitava. Especificamente no que se refere à região ao nordeste do Brasil, esse romance exibiu duas tendências editoriais então consolidadas (a da cana-de-açúcar e a do cacau, ou “O Nordeste de José Lins do Rego” e “O Nordeste de Jorge Amado”), que acabaram por ceder espaço a, digamos, uma terceira via, um caminho que de certa maneira contrapôs abundância e miséria. Nessa perspectiva, este artigo busca, a partir de materialidades como a publicação, em 1938, pela José Olympio, do livro *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, e a noção de Nordeste Seco que, na proposição de Aziz Ab’Sáber, acabou por se consolidar no panorama do “romance nordestino”, iluminar as reverberações que levaram à substituição do mosaico regional proposto por Manuel Correia de Andrade pela história única que conformou clichês em torno da “província fitogeográfica das caatingas”, conforme nomeou Ab’Sáber.

Palavras-chave:

Nordeste; literatura; tendências editoriais.

Abstract:

Thinking about the construction of what we call the “Northeastern imaginary” throughout the formation of the country fundamentally involves reflecting on the emergence of the Brazilian novel and its impact on the constitution of a reading public that was simultaneously learning to read the novel and to see/read the country it inhabited. Specifically with regard to the northeastern region of Brazil, this novel displayed two editorial trends that were consolidated at the time (that of sugar cane and that of cocoa, or “The Northeast of José Lins do Rego” and “The Northeast of Jorge Amado”), which ended up giving way to, let’s say, a third way, a path that in a way contrasted abundance and misery. With this in

* Professora Associada da Universidade Federal de Alagoas, onde atua na graduação e na pós-graduação da Faculdade de Letras, na linha de pesquisa Literatura: Poéticas, Cultura e Memória. Possui doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas (2008), com pesquisa sobre Glauco Mattoso, mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1999), com trabalho sobre Clarice Lispector. Fez graduação em Letras Português Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Alagoas (1993). Integra o GT da ANPOLL Teoria do Texto Poético. Participa como pesquisadora do projeto Memorial Poético dos Anos de Chumbo: Levantamento, Análise e Antologia, aprovado no Edital Pró-Humanidades (CNPq/MCTI/FNDCT)

** Mestre em Estudos Brasileiros pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre o primeiro LP do cantor e compositor Luiz Gonzaga, e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Tem formação em Comunicação Social – Jornalismo, também pela Universidade Federal de Alagoas. Suas áreas de pesquisa incluem, além dos estudos brasileiros, a história da produção editorial no Brasil, a literatura, a canção popular e o design gráfico, a partir do entrelaçamento dessas áreas com os debates sobre a formação do Nordeste e suas representações segundo os diferentes gêneros discursivos dos meios de comunicação, da imprensa ao rádio e ao disco e do cinema à televisão.

mind, this article seeks to use material such as the publication in 1938 by José Olympio of Graciliano Ramos' book *Vidas secas* (1938) and the notion of the Dry Northeast which, in Aziz Ab'Sáber's proposition, ended up consolidating itself in the panorama of the "Northeastern novel", to shed light on the reverberations that led to the replacement of the regional mosaic proposed by Manuel Correia de Andrade by the single story that formed clichés around the "phytogeographic province of the caatingas", as Ab'Sáber called it.

Keywords:

Northeast; literature; editorial trends.

Em 1937 escrevi algumas linhas sobre a morte duma cachorra, um bicho que saiu inteligente demais, creio eu, e por isso um pouco diferente dos meus bípedes. Dediquei em seguida várias páginas aos donos do animal. Essas coisas foram vendidas a retalho, a jornais e revistas. E, como José Olympio me pedisse um livro para o começo do ano passado, arranjei outras narrações, que tanto podem ser contos como capítulos de romance. Assim nasceram Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia, as últimas criaturas que pus em circulação. Graciliano Ramos, *Linhas tortas*

1. Algumas trilhas narrativas

Surgido no Brasil após a proclamação da independência, o romance foi, desde o seu início, atravessado pela reflexão acerca das relações entre nação e literatura. Um dos seus maiores expoentes, José de Alencar tentou englobar, em suas obras, diversos tempos e espaços, num projeto bastante pretensioso de ficcionalização da história brasileira: *O guarani* (1857) vincula-se ao início da colonização e situa-se no interior do Sudeste, próximo a florestas, às margens do Paquequer; *Iracema* (1865) ficcionaliza o primeiro contato entre o colonizador português e os indígenas, no litoral do Ceará; *O sertanejo* (1875) aborda de modo bastante imaginativo um espaço que seria recorrente na narrativa brasileira; *Senhora* (1875), romance urbano de grande sucesso, chega ao presente do autor e à capital do Império, o Rio de Janeiro. Assim, vai sendo composta uma visão de país e de história, quase sempre marcada pela perspectiva conservadora ou conciliadora, nesses escritos que ainda hoje afetam o imaginário acerca do Brasil. Ao mesmo tempo, nesse período, é também formado o público leitor: "A forma como autores e narradores do Romantismo brasileiro apresentam-se, diante do leitor, nos livros de ficção, é sintomática dos cuidados tomados diante desse público incipiente" (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 31). Daí a recorrência de instruções de leitura para esse leitor, que vai aprendendo, simultaneamente, a ler o romance e a ver/ler o país que habita.

No vasto conjunto de obras que compõem imagens do Brasil, merecem destaque as escritas no/sobre o Nordeste, região na qual aportaram os primeiros colonizadores. Neste artigo, será discutido o romance relacionado à composição de imagens vinculadas à escassez, à miséria, que, não raro, atuam como metonímia de Nordeste e estão vinculadas à ideia de uma nação cheia de contrastes, com destaque para *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

2. O “Nordeste Seco” como produto editorial

Se fosse possível pavimentar uma trilha editorial sobre o “Nordeste Seco”, ela começaria com *A fome – Cenas da seca do Ceará* (1890), de Rodolfo Teófilo, passaria por *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, e se estabeleceria com *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. Este último, aliás, forneceu talvez a mais importante senha em favor do mercado editorial brasileiro, que, prestes a viver seu primeiro ciclo de profissionalização, encontraria no “Nordeste” – ou, mais especificamente, em certa ideia de Nordeste – um de seus grandes temas, além de um de seus mais bem-sucedidos segmentos de vendas: a seca.

Multifacetado, o conjunto de romances publicados nos anos de 30 do século passado foi a forma mais conectada com as diferentes realidades regionais e intrarregionais do país¹. A variedade de categorias criadas dentro da própria legenda (romance urbano, romance proletário, romance social, romance psicológico, romance da seca...) cumpriu o papel de iluminar os modos de ser e de estar do brasileiro nas diversas latitudes do território nacional, e, nesse quadro, a noção de região teve protagonismo, sendo muitas vezes limitada ao conjunto de autores e obras situados no Nordeste a denominação “Romance de 30”. Além de *O quinze* e de *Vidas secas*, experimentaram sucesso, nesse período, os romances do chamado Ciclo da Cana-de-Açúcar (*Menino de Engenho*, 1932; *Doidinho*, 1935, *Banguê*, 1934; *O Moleque Ricardo*, 1935, e *Usina*, 1936), de José Lins do Rego, e os do Ciclo do Cacau, ambientados na região cacaueira da Bahia (*Cacau*, 1933; *Terras do Sem Fim*, 1942, e *São Jorge dos Ilhéus*, 1944), de Jorge Amado.

Um dos principais expoentes do movimento, Graciliano Ramos chamou de “Romance do Nordeste” esse conjunto de obras que foi além da descrição entusiasmada do espaço para compor sua ambientação. Em *Espaço e romance*, Antonio Dimas, ao rememorar a contribuição de Osman Lins (*Lima Barreto e o espaço romanesco*, 1976) para o entendimento dessas duas instâncias, explicita a diferença entre elas: “(...) o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito.” (Dimas, 1994, p. 20). Os romances que marcaram esse período e mobilizaram leitores interessados numa “região desconhecida”, incorporaram pela primeira vez múltiplos gestos, feições, vozes e cores. Como articulista de jornal, em 10 de março de 1935, no *Diário de Pernambuco*, Graciliano destacava o acerto da abordagem:

Felizmente, vamo-nos afastando dessa absurda contrafação de literaturas estranhas. Os romancistas atuais compreenderam que para a execução de obra razoável não bastam retalhos de coisas velhas e novas importadas da França, da Inglaterra e da Rússia. E como deixaram de ser obrigatórias as exibições da porta do Garnier, os provincianos conservaram-se em suas cidadezinhas, acumulando documentos, realizando uma honesta reportagem sobre a vida no interior. O trabalho que há no Nordeste é mais intenso que em qualquer outra parte do Brasil, tão intenso que um crítico, visivelmente alarmado com as produções daqui,

¹ Há muitos escritores de outras regiões e estados brasileiros produzindo obras significativas nesse período, em especial no Rio Grande do Sul, como destaca Zilberman: “Através dos romances de Erico Veríssimo, Dyonélio Machado, De Souza Júnior e Reynaldo Moura, a literatura do Rio Grande do Sul afina-se ao movimento da prosa nacional, acompanhando sua trajetória rumo à investigação do lugar do homem na sociedade e na estrutura econômica” (1992, p. 94).

disse ultimamente que não é só no Norte que se faz literatura. Decerto. Era indispensável, porém, que nossos romances não fossem escritos no Rio, por pessoas bem-intencionadas, sem dúvida, mas que nos desconheciam inteiramente (Ramos, 2013, p. 139).

O autor de *S. Bernardo* (1934) não tinha como imaginar, mas sua estreia no catálogo da Livraria José Olympio Editora marcaria o ocaso (ao menos do ponto de vista literário) do que podemos chamar de Nordeste da Abundância. *Vidas secas* chegaria às livrarias em 1938, surgido a partir da ideia de um conto, *Baleia*, cuja narrativa ecoava uma experiência vivida por Ramos na infância, no sertão de Pernambuco, quando testemunhou o sacrifício de um cachorro, e viraria o nono capítulo do romance². Traduzida para 17 idiomas, até 2020, a obra era a mais vendida do catálogo da editora Record (contava então 138 edições e pouco mais de 1,8 milhão de cópias comercializadas)³. Uma história de sucesso editorial que teve início, justamente, nos anos 1930, quando “a grande novidade cultural no Brasil pós-Primeira Guerra Mundial não foi o deslocamento do olhar para os Estados Unidos, mas o movimento introspectivo de pesquisa, leitura, análise e valorização do povo, sua cultura, seus mitos e suas formas de sobreviver” (Lessa, 2008, p. 250).

O primeiro “evento” relacionado a um crescimento substancial da atividade editorial no país foi verificado no período em que não somente os autores do Romance de 30 adquiriram dimensão comercial – os que criavam ou traduziam para as coleções populares, com obras ficcionais destinadas ao grande público (romances para senhoras, romance policial, romance de ficção científica, etc.), também experimentavam um significativo alcance de vendas, compondo um diverso (e interessante) painel de leitores.

[Estudos] apontam os anos 1930 como um período importante para a formação da indústria do livro e para a criação de postos de trabalho intelectual, seja tomando como fio condutor o conjunto da cultura popular de massa ou do mercado editorial, seja a trajetória particular dos agentes ligados às editoras de grande porte como José Olympio, Lobato e Octales (Companhia Editora Nacional), e Bertaso (Globo). (Almeida, 2015, p. 364)

É nesse contexto, portanto, que ocorre uma espécie de transmutação de imagens acerca do Nordeste, da abundância para a escassez.

3. A substituição de um referencial

Nordeste Seco que Ramos galvanizava em *Vidas secas* se juntaria a duas tendências romanescas contemporâneas, a da cana-de-açúcar e a do cacau, que, em um hipotético sistema de produção editorial, poderíamos categorizar como “O Nordeste de José Lins do Rego” e “O Nordeste de Jorge Amado”. Protagonista da primeira onda de profissionalização da produção editorial e das artes gráficas no Brasil, a Livraria José Olympio Editora revisitava a trilha de Teófilo, Cunha e Queiroz, e ajudava a estabelecer o

² QUEIROZ, Christina. Intimidade sertaneja – Após oito décadas, *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, continua como livro fundamental à construção do imaginário brasileiro. *Revista Pesquisa FAPESP*, São Paulo, ago. 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/intimidade-sertaneja/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

³ Ibid.

o clichê com o qual o brasileiro passaria ver a região e seus habitantes, em especial, o sertão.

A imagem até então cultivada, a do Nordeste abundante da zona da mata, consonante com os interesses do Império, “(...) de árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos, de gente vagarosa e às vezes arredondada quase em sanchos-panças pelo mel de engenho (...), onde nunca deixa de haver uma mancha de água”, como escreveu Gilberto Freyre em 1937, na primeira edição de *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil* (2004, p. 45), era, aos poucos, substituída pela do outro Nordeste, aquele marcado pelo “(...) ‘melting-pot’ das caatingas, [pelas] condições de vida determinadas pelo meio, [pela] civilização dos vaqueiros, [pelos] currais (...), [pela] formação de uma plebe rural de onde repontam os místicos e os bandidos”, conforme escreve Djacir Menezes em *O outro Nordeste* (1937, p. 11). Nessa transição, que contrapôs zona da mata e sertão, o referencial literário sobre o Nordeste, e também sua paleta de cores, sofreriam grande transformação. Sai de cena a paisagem de opulência, característica das fazendas que lucravam com o *plantation* da cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*) e do cacauzeiro (*Theobroma cacao*), e entra o mandacaru (*Cereus jamacaru*)⁴:

Ocorria então uma espécie de sentença da civilização do açúcar, em agonia desde o século XVIII. (...) Parece até que as cenas da vida cotidiana e as paisagens exuberantes da zona da mata e das vilas pernambucas desenhadas e pintadas pelos artistas holandeses (...) perderam também um pouco de seu encanto. A imagem que ascendia era distinta e com uma estrutura iconográfica fincada na topografia inóspita, nos modos de produção em que a pecuária desempenhava papel importante e nos costumes dos habitantes da Caatinga, um lugar até então pouco visitado pelos artistas e intelectuais que mais tarde reproduziriam o termo Sertão e produziram seu campo semântico. Nesse plano de significados, o arranjo inclinou-se para a (...) penúria do espaço, do clima e do ser humano que o habitava (Costa, 2012, p. 839)

Da abundância para a penúria, da natureza exuberante para os rios secos, as ossadas do gado, os cactos espinhosos. Essa metamorfose da paisagem expande-se, ao transformar-se em suposto motivo de migração, de expulsão de trabalhadores rurais de regiões assoladas pela seca, para outras em que havia além da expansão da agricultura, um processo de industrialização, cujo auge se daria em meados da década de 1950, com amplo apoio do governo federal, concomitante ao declínio dos engenhos. Convenientemente desenhado a partir da seca, esse “contexto migratório”, contudo, tem origem em outras paisagens nordestinas.

Thomas D. Rogers destaca o papel da decadência açucareira nesse quadro e aponta para as conexões entre campo e cidade, ainda nos anos 1920, “(...) quando metade da classe trabalhadora do Recife era constituída por gente vinda do interior do estado” (2017, p. 130), e lembra que esse movimento se daria antes mesmo do “epifenômeno das

⁴ Essa contraposição pode ser verificada na comparação entre a pintura *Engenho de Pernambuco*, de Franz Post (séc. XVII), e a gravura *Silva Aestu Aphylla, Quam Dicunt CaaTinga*, *Silva Aestu Aphylla, Quam Dicunt Caa-Tinga* (1842), de Carl Friedrich Philipp von Martius, cujo título alternativo é “A floresta quente e sem folhas que chamam de ‘caa-tinga’, no deserto ao sul da Província da Bahia”. As obras constam, respectivamente, do acervo do Palácio do Itamaraty e do Instituto Moreira Salles.

migrações” (Galvão, 2004, p. 377) de nordestinos em direção ao Sudeste. Tal mobilidade se dava “(...) contra um fundo de insatisfações e levantes políticos” (Rogers, 2017, p. 130)⁵.

Trabalhadores que deixavam a zona dos canaviais em busca de condições de vida no Recife acabaram, também eles, numa realidade de carências de todos os tipos, mas principalmente alimentares – como vai demonstrar o médico Josué de Castro⁶, primeiro na pesquisa *Condições de vida das classes trabalhadoras no Nordeste*, realizada no início da década de 1930, e depois em sua mais importante obra, *Geografia da fome* (1946). Ao retomar o inquérito alimentar de Castro, Rogers mostra que os fatores de expulsão populacional do Nordeste não estão relacionados apenas às secas e suas consequências.

Como notaria Castro (1992), as cidades não matariam a fome dos “migrantes sertanejos”. Ao contrário, segundo as conclusões de seu inquérito alimentar com trabalhadores do Recife, ofereceria a eles a fome endêmica, do Litoral-Mata, distinta da epidêmica, característica das zonas áridas, que irrompia na estiagem mais prolongada.

A literatura irá abordar esse processo. Nas cidades, raros migrantes encontravam trabalho. No fim de *Vidas secas*, a família de Fabiano migra, mas não há grandes esperanças: “Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos” (Ramos, 2023, p. 102.). Assim também é a vida de Severino retirante, ao chegar ao Recife, em *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto. Sem perspectivas, ele cogita se matar e pergunta a seu José, mestre carpina, “se não vale mais pular/fora da ponte e da vida” (1995, p. 124). Esses personagens mudam de lugar espacial, mas não de lugar social. Continuam miseráveis, no campo ou na cidade. Não é a seca a causa da miséria, afinal.

4. Sementes literárias de um imaginário nordestino

No *Dicionário crítico de política cultural*, Teixeira Coelho define imaginário como

(...) conjunto das imagens e relações de imagens produzidas pelo homem a partir, de um lado, de formas tanto quanto possível universais e invariantes – e que derivam de sua inserção física, comportamental, no mundo – e, de outro, de formas geradas em contextos particulares historicamente determináveis. Esses dois eixos não correm paralelos mas convergem para um ponto em comum onde se dá a articulação entre um e outro e a mútua determinação de um pelo outro. Se fosse possível separá-los nitidamente, o primeiro eixo se apresentaria como responsável pelo efeito de mundo e o segundo, pelo efeito de discurso ou de representação desse mundo em que o ser humano está mergulhado (...). (Coelho, 2012, p. 211)

⁵ “Uma geração turbulenta e insatisfeita de suboficiais entrou para as Forças Armadas nos anos 1910 e 1920, insurgindo-se contra os grilhões do poder exercido por uma oligarquia cheia de privilégios. Esses “tenentes” lideraram quarteladas sem êxito em 1922 e 1924, mas sua frustração com o que consideravam um padrão de governança ineficaz refletia a ampla insatisfação da sociedade. A revolução de 1930 deveu seu sucesso a esse profundo descontentamento” (Rogers, 2017, p. 130-131).

⁶ No título original *As condições de vida das classes operárias no Recife: estudo econômico da sua alimentação*, publicado pelo Departamento de Estatística e Publicidade do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em 1935.

O que passamos a conhecer como “imaginário nordestino” germinou de diversas sementes literárias. É notável o vigor que o Romance da Seca, inaugurado por Rachel de Queiroz, e consolidado por *Vidas secas*, emprestou à cena cultural brasileira, com impacto na própria história da produção editorial do país – e nos meios discursivos de comunicação, com uma profusão de obras que circularam do rádio ao disco, do cinema à televisão. Esse imaginário assimilaria a figura do migrante (mais especificamente do migrante sertanejo) como sinônimo de nordestino, consolidando o clichê mais incontornável entre as representações institucionais já propostas acerca das realidades regionais brasileiras, muitas vezes, ampliando-se como metonímia de nordestino, independentemente da sua classe social ou cidade de origem. A migração nordestina é uma realidade secular, assim como todos os processos migratórios verificados no Brasil, ao longo dos tempos.

Longe de ter sido causado exclusivamente pela seca, o fenômeno reflete desequilíbrios regionais resultantes de ciclos econômicos ocorridos em momentos mais ou menos favoráveis à sua expansão. Em *Vidas secas*, nem todos os sertanejos são afetados da mesma forma pela seca. O patrão de Fabiano não se desloca com a sua família em busca de condições de sobrevivência; vai para a cidade, e retorna à fazenda quando passa o período mais agudo da falta de chuvas. Já Fabiano, ao contrário, desde o segundo capítulo do livro, tem consciência da relação entre miséria e propriedade, no capitalismo:

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.
Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. É, pensando bem, ele não era um homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis e a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.
Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:
— Você é um bicho, Fabiano. (Ramos, 2023, p.18)

Abordada pelo romance, a relação entre a migração e as condições econômicas, políticas e sociais não pode ser ignorada por estudiosos e críticos do romance, quando se fala de migração e de nordestinos. O exame de cenários econômicos é imprescindível para identificar “no espaço e no tempo da realidade nacional, os rumos que as migrações internas assumiram por ocasião do surgimento dos diversos ciclos da nossa economia” (Souza, 1980, p. 10). No entanto, em certos círculos, o termo “migrante”, dicionarizado simplesmente como aquele que migra, foi substituído na prática por “retirante”, acepção utilizada para definir o “sertanejo que, sozinho ou em grupo, emigra para outras regiões nacionais, fugindo à seca, nas regiões áridas do Nordeste” (Ferreira, 2004, p. 56).

Até meados do século XX, tal apreciação era bastante comum nos livros didáticos de geografia (Silva, 2012, p. 97), formando uma imagem simplista do fenômeno, o que prejudicou uma apreensão nítida dos seus efeitos na vida brasileira, mas jamais impediu a assimilação dos significados da ação de migrar. Compreender o fenômeno migratório permite-nos não somente conhecer aspectos iluminados pelas estatísticas demográficas, do

tamanho à densidade e da distribuição à esperança de vida dos habitantes, mas também capturar o impacto que determinado grupo produz, com seu deslocamento, nas regiões receptoras⁷.

Primeiramente, o migrante nordestino é decorrência da migração interna, “(...) processo social resultante de mudanças estruturais de um determinado país, que provocam o deslocamento horizontal de pessoas de todas as classes sociais, que, por razões diversas, deixam o seu município de nascimento e vão fixar residência noutro” (Souza, 1980, p. 33). Como reflexo das dinâmicas socioeconômicas, ele é também uma condição, elaborada no curso dos sucessivos ciclos econômicos que têm beneficiado as elites agrárias, industriais, políticas e governamentais do país, no decorrer dos séculos, fazendo recair sobre os trabalhadores mais vulneráveis as consequências das crises econômicas e políticas⁸.

Se a questão regional é “a história da resolução da questão do mercado de força de trabalho” (Oliveira, 1993, p. 45), o migrante nordestino só pode ser visto como uma figura determinante na formação social brasileira, dada a sua inegável contribuição para a expansão econômica do Centro-Sul e Sudeste e, conseqüentemente, para a história do desenvolvimento nacional⁹. Como tal, esse indivíduo foi objeto de estudos, leituras e representações por parte de quem buscava iluminar suas motivações, características, necessidades... Escritores, intelectuais, músicos, dramaturgos, artistas plásticos e cineastas empreenderam exames com esse propósito e, no limite, tomaram parte na composição de uma imagem que associava o sertanejo ao migrante nordestino e o migrante nordestino ao sertanejo. Essa equivalência está presente em toda parte, desde sua transubstanciação pela literatura e seus meios de circulação. Está, por exemplo, na narrativa relacionada à imagem da escassez de Rodolfo Teófilo, *A fome*:

A turba dos famintos parou em frente à casa do vigário (...). Os retirantes fizeram alta e sentaram-se na rua esperando que se distribuisse a ração. (...)

⁷ “O contingente de nordestinos, em especial de cearenses, que se deslocou em direção à Amazônia no final do século XIX é ilustrativo desse impacto, e possibilitaria um incremento da produção de borracha na região amazônica antes até de favorecer a lavoura cafeeira no Centro-Sul” (Paula, 1980, p. 4). “Em grande parte devido ao processo de vulcanização da borracha, em 1910, a substância resultante da coagulação do látex vegetal chegou a responder por aproximadamente 40% da exportação brasileira” (Silva, 1962, p. 101). “Concomitantemente ao auge da produção cafeeira no Centro-Sul ocorreu o *rubber boom* na região Amazônica. A ocupação desta imensa região se iniciara durante a segunda metade do século XVII, liderada principalmente por jesuítas e carmelitas. (...) Em fins do século XIX, a Europa e os Estados Unidos, dando continuidade à sua Revolução Industrial, encontraram na indústria automobilística um novo campo de expansão. Esta indústria encontrou na Amazônia a maior reserva mundial de seringais para atender, numa primeira fase, à demanda de borracha de que necessitava. (...) Foi do Nordeste que a Amazônia recebeu a mão-de-obra necessária à extração da borracha nos seringais” (Souza, 1980, p. 54).

⁸ Esse processo remonta ao movimento abolicionista no Brasil, iniciado em 1850 com a Lei Eusébio e consolidado em 1888 com a Lei Áurea, levou ao fim do tráfico negreiro. Foi um baque para a oligarquia agrária do Centro-Sul, que, sem a mão de obra escravizada (que, aliás, não deixou de existir com a abolição, mas foi muitas vezes preterida em favor de imigrantes europeus), teve de recrutar trabalhadores para a lida em suas propriedades. A elite cafeeira utilizou-se primeiro do contingente originado da imigração estrangeira, estimulada a partir de “(...) companhias ou sociedades de colonização, verba governamental para transportar gratuitamente os imigrantes desde o seu país de origem até as fazendas de destino, e a construção de uma hospedaria para recebê-los em São Paulo” (Souza, 1980, p. 53). Ou ainda: “Em 1900 os nove estados do Nordeste (...) abrigavam 40% do total da população. Todavia, com a escalada dos valores modernos o êxodo foi inevitável, mormente em razão das prolongadas estiagens e de seu sistema econômico primitivo com áreas inteiras cuja relação de trabalho era pré-capitalista, o que desencorajava o contingente populacional a se manter nas pequenas propriedades (...). Desse período são os primeiros fenômenos de migração interna e externa no Brasil, com massas de escravos nordestinos, semi-libertos devido à falta de trabalho nas fazendas decadentes mas com algum valor de troca em razão do fim do tráfico negreiro em 1850, deslocando-se para trabalhar nas lavouras de café próximas à cidade de São Paulo e assim substituir o negro local na mão de obra e apoiar os estrangeiros que também imigravam, especialmente portugueses, italianos, espanhóis e alemães” (Costa, 2012, p. 845).

⁹ É visível na literatura também a migração de escritores, que, desde o século XIX, mudavam-se para o Rio de Janeiro, centro da vida cultural e política do país: José de Alencar e Gonçalves Dias, dois nomes centrais do Romantismo, são originários do Ceará e do Maranhão, respectivamente. No século XX, essa migração se intensifica, com nomes como Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Rachel de Queiroz, entre outros, passando a morar também no Rio de Janeiro.

Eram já nove da manhã e a ração não chegava. Os famintos resignavam-se com a demora, porque não tinham forças para reagir. Gemiam, suspiravam, porém, não blasfemavam. (...)

A ração era ali mesmo devorada com uma esfomeação que comovia! Muitos ingeriam com tal avidez que não davam tempo à saliva umedecer o bolo e engasgavam-se. Parte do bolo era rejeitado e saía pelo nariz e boca, misturando-se à areia. Avaros das migalhas caídas, apanhavam-nas de novo, cobertas de terra (1979, p. 50-53).

Está na saga de Antônio Conselheiro, na obra-prima fundadora *Os sertões*, de Euclides da Cunha: “E calçando alpercatas duras; vestindo camisas de algodão; sem bonés ou barretinas, cobertos de chapéus de couro, figuravam famílias de retirantes demandando em atropelo o litoral, fustigados pela seca” (2016, p. 434). E também no Chico Bento de *O quinze*, de Rachel de Queiroz:

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar.

Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse.

Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha...

Alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumia mal, combinou com a mulher o plano de partida.

Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas.

Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte (2020, p. 36).

Fabiano de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, também se insere nesse fio de continuidade:

A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

— Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde (2023, p. 8).

Na literatura poderíamos ainda acrescentar talvez o mais famoso personagem retirante: *Severino*, de *Morte e vida severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto.

E no conjunto que reverbera e conforma (também) a partir dos gêneros discursivos dos meios de comunicação. Na cinematografia descarnada de Nelson Pereira dos Santos na adaptação de *Vidas secas*, de 1963; em cada quadro frenético das sequências de *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), no cinema de Glauber Rocha, e em boa parte (grande parte?) do cancionário de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, sem esquecer da televisão, com séries como *Lampião e Maria Bonita* e projetos corporativos midiático-beneficentes como o SOS Nordeste, veiculados respectivamente em 1982 e 1985, na TV Globo.

5. Um clichê geograficamente situado

O “clichê Nordeste” que temos aqui é um dos clichês unívocos, homogêneos, como sói acontecer com os clichês. É o Nordeste do semiárido, aquele vulgarmente chamado de

“Sertão”, e sobre o qual nos fala o geógrafo Aziz Ab’Sáber:

O Nordeste seco possui uma área total da ordem de 700 mil km², onde vivem 23 milhões de brasileiros – entre os quais, quatro milhões de camponeses sem terra – marcados por uma relação telúrica com a rusticidade física e ecológica dos sertões, sob uma estrutura agrária particularmente perversa. É uma das regiões semiáridas mais povoadas entre todas as terras secas existentes nos trópicos ou entre os trópicos (...). (1999, p. 7)

O Nordeste seco é uma categoria geográfica encampada por Aziz Ab’Sáber, especializado em geomorfologia, que discorreu sobre a conformação dessa área em *Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida* (Dossiê Nordeste seco da Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo). Com esse instrumental, lançou um olhar científico, mas também humanamente generoso, para o Nordeste Seco, a “província fitogeográfica das caatingas”.

Existem na América do Sul três grandes áreas semiáridas: a região Guajira, na Venezuela e na Colômbia; a diagonal seca do Cone Sul, que envolve muitas nuances de aridez ao longo de Argentina, Chile e Equador; e, por fim, o Nordeste seco do Brasil, província fitogeográfica das caatingas, onde dominam temperaturas médias anuais muito elevadas e constantes (Ab’Sáber, 1999, p. 7).

Após percorrer diferentes regiões dentro da região, em contato com a diferença intrarregional, Ab’Sáber afirma: “Propus em 1955 (Garanhuns, PE) a primeira tipologia de sítios de brejos para o Nordeste seco (...)” (1999, p. 17). Ele oferece, na prática, materialidade ao leitor e informa-o, por exemplo, de que há tipos de “sítios de brejos” no Nordeste Seco. Um testemunho de como o desconhecimento sobre a região pode afetar, inclusive nocivamente, a tudo e a todos.

Conhecer mais adequadamente o complexo geográfico e social dos sertões secos e fixar os atributos, as limitações e as capacidades dos seus espaços ecológicos nos parece uma espécie de exercício de brasilidade, o germe mesmo de uma desesperada busca de soluções para uma das regiões socialmente mais dramáticas das Américas. (...)

Isoladamente, o conhecimento de suas bases físicas e ecológicas não tem força para explicar as razões do grande drama dos grupos humanos que ali habitam. No entanto, a análise das condicionantes do meio natural constitui uma prévia decisiva para explicar causas básicas de uma questão que se insere no cruzamento dos fatos físicos, ecológicos e sociais. Nenhuma solução ou feixe de soluções dirigidas para a resolução dos problemas do Nordeste brasileiro poderá abstrair o comportamento do seu meio ambiente, inclusive no que diz respeito à fisiologia da paisagem, aos tipos de tecidos ecológicos e à utilização adequada dos escassos recursos hídricos disponíveis. (Ab’Sáber, 1999, p. 7)

A inserção de elementos do Nordeste Seco no produto editorial livro e sua reverberação posterior segundo outras linguagens midiáticas (disco, rádio, cinema, televisão) remetem a questões intrarregionais e a todo um campo da historiografia sobre a produção editorial (envolvendo esse Nordeste) que aguarda para ser explorado, mas, também, à potência da própria obra de Ramos, que atrai um amplo público leitor.

Da geomorfologia para a criação literária e para o mercado editorial, temos outras categorias, teias, relações. O Nordeste Seco sempre esteve lá, mas só começou a ganhar enlevo entre os leitores a partir do Romance de 30, e nem em todo ele. O primeiro ciclo de

romances regionais (os “romances nordestinos”) apresentou títulos (comercialmente) bem-sucedidos de José Lins do Rêgo ambientados na região, mas que apontavam para o Nordeste da abundância, da economia açucareira. *Menino de engenho*, *Doidinho e Banguê*, por exemplo, compunham a *Coleção Cana-de-Açúcar*. E embora ainda soasse exuberante, esse Nordeste não encontrava mais tanto eco no contingente de leitores que começava a se formar, mesmo que lentamente, sendo substituído pelas imagens do Nordeste Seco:

Das velhas e repetitivas noções do ensino médio – herdadas um pouco por todos nós – restaram observações pontuais e desconexas sobre o universo físico e ecológico do Nordeste seco. Sua região interiorana sempre foi apresentada como a terra das chapadas, dotada de solos pobres e extensivamente gretados, habitada por agrupamentos humanos improdutivos, populações seminômades corridas pela seca, permanentemente maltratadas pelas forças de uma natureza perversa. Muitas dessas afirmativas, como ver-se-á, são inverídicas e, sobretudo, fora de escala, constituindo o enunciado de fatos heterogêneos e desconexos, por um processo de aproximações incompletas. (Ab’Sáber, 1999, p. 8)

O “enunciado de fatos heterogêneos e desconexos” submetido a “um processo de aproximações incompletas”, conforme percepção de Ab’Sáber acerca dos estudos sobre a região, já havia sido identificado por outro geógrafo: Manuel Correia de Andrade, cujo conceito de “mosaico nordestino” ressalta as diferenciações internas presentes, inclusive, nas próprias sub-regiões (Mata, Agreste, Sertão e Meio Norte; 1998, p. 25). Estudioso que talvez mais tenha se demorado no exame dos fatores de diferenciação do Nordeste, o autor de *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste* (1986) defendeu ir além dos elementos-chave que definem a região, de modo a confrontar reflexões superficiais que resultam em generalizações.

Sendo muito complexa a origem das paisagens geográficas, ninguém ousaria admitir exclusividade da ação de um elemento na elaboração dos quadros paisagísticos, até mesmo a dominância dificilmente poderia ser comprovada de forma científica. Entretanto, em cada região se nota que um elemento se sobressai, levando o homem prático que moureja a terra a citá-lo, sempre que quer distinguir as várias áreas que compõem o mosaico regional. (Andrade, 1998, p. 24-25)

O que Manuel Correia de Andrade buscava evidenciar era o modo orgânico – porque desenvolvido naturalmente – com que essas definições nascem e se popularizam, o que ocorre a partir de sua identificação pelo “homem prático”. Entram em cena a oralidade, os saberes populares, o “universo vivido” (Iumatti, 2010, p. 158), numa comunicação que possibilitava a estruturação da informação segundo as necessidades dos que ali habitam.¹⁰

A hostilidade expulsiva é a tônica dominante do Nordeste Seco, mas mesmo o semiárido nordestino tem seus oásis. A Chapada do Araripe, região onde o cantor e compositor Luiz Gonzaga nasceu e cresceu, por exemplo, abriga áreas de grande

¹⁰ (...) Assim, na Amazônia, há uma referência constante ao rio e ao seu regime. Na realidade, é “o rio que comanda a vida”, como já salientou em feliz expressão Leandro Tocantins, o homem está sempre a distinguir as várzeas, anualmente inundadas, da “terra firme” que fica a salvo das inundações, mesmo quando o Amazonas transborda em suas grandes cheias. Em São Paulo, onde a cultura cafeeira era a principal riqueza agrícola, o homem do campo, o técnico e até mesmo o cientista estão sempre preocupados com o tipo de solo e em suas explanações distinguem logo as áreas onde dominam as terras roxas daquelas onde predominam os solos derivados de arenito ou das rochas cristalinas. Há, desse modo, constante preocupação do homem em distinguir as áreas capazes de produzir bem o café daquelas que se destinarão às outras atividades agrícolas que, dentro de nossa organização econômico-social, tornam-se mais rendosas. (Andrade, 1998, p. 24-25)

fertilidade em suas encostas. A mesorregião é mencionada como contraponto à aridez no verbete da *Enciclopédia agrícola brasileira* dedicado ao que foi definido como “Sertão nordestino”: “(...) Há, também, em pleno sertão, verdadeiros oásis: são os brejos, ilhas mais úmidas, geralmente nas encostas das chapadas”. (2007; p. 149-151)

6. A redução de um autor maiúsculo

Em que medida *Vidas secas* também foi afetado pelo clichê do Nordeste Seco por algumas leituras? A necessidade do questionamento se impõe frente ao conjunto de informações e análises reunido aqui. Não é que a recepção crítica da obra tenha, inicialmente, ignorado o feito experimental de “uma narrativa que o autor qualificou de ‘romance’, apesar de ser muito breve, equivalendo talvez a cem páginas datilografadas a trinta linhas” (2006, p. 147), como observou Antonio Candido em *Ficção e confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*.

Feito que, aliás, incluiu uma espécie de transmutação dos elementos da paisagem, já que “(...) toda referência ao meio físico ou à sua descrição é indissociável dos padecimentos e anseios dos miseráveis”, como observa o pesquisador José Roberto Maia (2019, p. 83), em linha com o que o crítico literário Álvaro Lins (1912-1970) anotara sobre o romance e suas personagens: “O ambiente que os envolve tem qualquer coisa de deserto ou de casa fechada e fria. Nenhuma salvação, nenhum socorro virá do exterior” (Lins, 1977, p. 146). Maia situa a percepção do crítico pernambucano:

Se o parágrafo de abertura do romance, desde a frase inicial até a última palavra, coloca o leitor em plena paisagem da seca, esta não é descrita simplesmente. O narrador não cuida apenas de destacar as imagens de uma natureza sob a ação da estiagem, mas de imbricar rigorosamente a penúria, a água e a vegetação escassas, o conjunto de efeitos naturais da seca, enfim, no sofrimento da família de retirantes, e nos seus anseios de minorar a impiedade das condições que se lhe impõem. Assim, ao caminharem todo o dia naquelas paragens inóspitas, “estavam cansados e famintos”. Sua caminhada progredira bem porque “havia repousado bastante na areia do rio seco”. “Procuravam uma sombra” há horas. Longinquamente apareceu a “folhagem dos juazeiros”, que lhes daria o que procuravam, “através dos galhos pelados da catinga seca”. (Maia, 2019, p. 82)

No primeiro momento da sua recepção crítica, Lúcia Miguel Pereira (1938), Álvaro Lins (1947) e Otto Maria Carpeaux (1953) destacaram o experimentalismo do romance e as novas estruturas que ele manejava. No entanto, as leituras posteriores, especialmente as dos manuais didáticos, na qualidade de importantes disseminadores de “visões literárias”¹¹, deixaram de ressaltar tais aspectos para recair numa classificação burocrática e reducionista da narrativa.

Sem cobrança de direitos autorais desde 2024, crescem as possibilidades de democratização do acesso às obras do escritor, o que pode contribuir para uma nova visada crítica e imagética sobre seus textos. Não é, contudo, o que já vemos, por exemplo,

¹¹ A respeito do modo superficial como *Vidas secas* costuma ser abordado nos manuais didáticos, ver: COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2.ed. 6ª impressão. São Paulo: Contexto, 2010.

nas variações de formatos editoriais e em algumas adaptações (edições ilustradas, de bolso, adaptações para quadrinhos, etc.). É raro encontrar um projeto gráfico, desde a capa até ilustrações no interior do volume, para *Vidas secas* que não faça, de modo direto, a associação do romance com imagens-clichê como terra seca, ossadas de cabeças de gado ou de costelas bovinas, cachorros raquíticos, família esquelética, pés rachados, toda uma visualidade que se conecta com o estereótipo do “retirante sertanejo” e que passa ao largo do que os críticos viram, na obra, quando de seu lançamento pela Livraria José Olympio Editora.

No capítulo dedicado a *Vidas secas* em *Ficção e confissão*, Candido recupera aspectos levantados pelos críticos (alguns deles escritos na época da chegada do romance às livrarias), que iluminam as experimentações de Ramos na narrativa, ao tempo em que analisa a obra.

(...) Olhando no conjunto os seus quatro romances, sentimos que, se cada um deles representa uma experiência nova, *Vidas secas* talvez seja o mais diferente. É o único escrito na terceira pessoa e o único a não ser organizado em torno de um protagonista absorvente, como João Valério em *Caetés*, Paulo Honório em *São Bernardo*, Luís da Silva em *Angústia*. É também o único cuja composição não é contínua, mas feita de pedaços que poderiam ser lidos isoladamente. Muitos deles foram publicados antes como peças autônomas, e talvez a ideia inicial não tenha sido a de um “romance”. No entanto, é perfeita a unidade do todo (...). (Candido, 2006, p. 145).

Candido transcreve trechos de uma resenha de Lúcia Miguel Pereira publicada no *Boletim de Ariel*, em maio de 1938. Num deles, ela se pergunta: “Será um romance? É antes uma série de quadros, de gravuras em madeira, talhadas com precisão e firmeza” (1938). Para ela, *Vidas secas* não deveria “(...) ser julgado como ‘romance nordestino’ ou ‘romance proletário’, expressões que não têm sentido, mas como um romance onde palpita a vida – a vida que é a mesma em todas as classes e todos os climas” (1938). E, ao sublinhar o “discurso” produzido pelas personagens quase mudas, ela pontua que a obra mais se parece “(...) um romance mudo como o filme de Carlitos” (1938)¹².

Com capa do artista paraibano Tomás Santa Rosa, a primeira edição do romance sugeria a imagética do nordestino magérrimo, quebrado pelo ambiente hostil, pela fome, pela miséria. A capa, face principal da “embalagem” da publicação, começava, ela também, a conferir sentidos ao livro. Hoje em sua 161ª edição e traduzido para 18 idiomas, no ano de seu envio às livrarias a obra vendeu 200 mil exemplares, “(...) além de mais ou menos 420 mil em traduções para onze línguas, até 1970” (Hallewell, 2005, p. 490).

No entanto, esse romance, assim como a região Nordeste, é marcado pela diversidade, pela contradição. Reduzi-lo a uma narrativa centrada apenas na miséria, ignorando a abordagem de temas como linguagem, desigualdade, poder, opressão, divisão fundiária, efeitos de um processo de colonização bastante predatório, é apagar grande

¹² É interessante notar essa percepção em um momento em que o cinema dava seus primeiros passos porque, em 1963, o diretor Nelson Pereira dos Santos levaria às telas a cultuada adaptação cinematográfica de *Vidas secas*, sensação no Festival de Cannes naquele mesmo ano e onde, em 2004, o filme receberia uma menção honrosa.

parte da sua tessitura, bem como da compreensão da região Nordeste e do Brasil, reduzindo-o ao que Chimamanda Adichie chamou de “história única”, indicando os seus perigos: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (2019, p. 14).

Se as capas e ilustrações de muitas das suas edições, os manuais didáticos, bem como parte da crítica, associam a *Vidas secas* imagens do Nordeste Seco, a leitura mais atenta do romance, relacionada a outros textos que se debruçam sobre a complexidade do Nordeste, afasta a formação do clichê e nos faz pensar sobre como ele surge.

7. Alguma conclusão: outras imagens, outros futuros

Foi a partir de um momento específico da criação literária no Brasil que o “mosaico regional” passou a figurar como “região da seca” e, desse modo, da fome e do atraso. Esse momento se dá com *Vidas secas*, que trazia, talvez pela primeira vez, “ambientação” para a “planície avermelhada”, as “manchas dos juazeiros” e a “catinga rala”, na sua primeira página. Com um Nordeste geomorfologicamente localizado, seu relevo e sua vegetação eficientemente caracterizados, o Nordeste Seco, que já havia aparecido em *A fome*, em *Os sertões* e em *O quinze*, cresce e ganha novas cores e dimensões.

Refletindo sobre as imagens mais eficientes já introduzidas pelo cânone literário acerca de certo Nordeste, hoje podemos dizer que Graciliano Ramos levou à cena a saga de uma família de refugiados climáticos. “(...) O que me interessa é o homem, o homem daquela região aspérrima. Julgo que é a primeira vez que esse sertanejo aparece na literatura” (Ramos, 2014, p. 66-72), disse ele em entrevista. Nessa obra, o sertanejo migrante surgia de forma vívida, definida, na prosa brasileira, nos fazendo questionar em que medida seria um exagero afirmar que existe um “Nordeste antes” e um “Nordeste depois” de *Vidas secas*, ao menos no imaginário difundido sobre o Nordeste Seco.

Diante da constatação de que o romance ofereceu aos brasileiros uma experiência de interpretação da realidade via ficção, cresce a necessidade de promover um exame mais amplo sobre as consequências do clichê, dessa “história única” (Adichie, 2019) na vida contemporânea. Questionar por que isso ocorre e contribuir para que outros ângulos desse sistema sejam minimamente iluminados são proposições ainda bastante necessárias. Por sua amplitude, essa reflexão nos leva a muitas direções. E não é possível ignorar a contribuição decisiva da Livraria José Olympio Editora, especificamente a partir da publicação de *Vidas secas*, para a construção do estereótipo que desprezou os elementos distintos e justapostos do “mosaico nordestino” e permitiu a consolidação da figura do migrante sertanejo, pobre e faminto como síntese regional, ao menos para uma parcela significativa do público leitor.

A literatura e todas as outras artes atuam sobre a imaginação do seu público. Reduzi-las a um conjunto fechado, operado e consolidado pelas leituras dessas obras, é fazer o movimento contrário à complexidade e multiplicidade que a arte coloca em movimento. Assim, confrontar-se com as imagens de Nordeste que diversas obras tecem e revisitar seus sentidos pode, talvez, nos abrir possibilidades de imaginar também outros futuros possíveis para o que vivemos como nação e como povo, neste país de contrastes.

Referências

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n. 36, ago. 1999.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Leandro Antonio de. Repercussão da expansão da ficção popular no Brasil dos anos 1930. *Revista de História*, São Paulo, n. 173, p.359-393, jul.-dez. 2015.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem do Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1953.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 11.ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.
- COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- COSTA, Sebastião Guilherme Albano da. Figuras do Nordeste e representação nacional do Brasil. *Revista Iberoamericana*, São Paulo, v. IXXVIII, p.839-857, out.-dez. 2012.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Walnice Nogueira Galvão. (Org.). São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1994.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 7.ed. São Paulo: Global, 2004.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Metamorfoses do sertão. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p.375-394, dez. 2004.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Vilalobos,

IUMATTI, Paulo. Saberes populares no Nordeste de Manuel Correia de Andrade. *Revista Economia Política do Desenvolvimento*, Maceió, vol. 3, n. 1, p.153-161, ago. 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LESSA, Carlos. Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 22, n. 62, p.237-256, abr. 2008.

LINS, Álvaro. *Jornal de Crítica*, 5ª série. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947.

LESSA, Carlos. Valores e misérias das vidas secas. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 36.ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1977. p. 135-167.

MAIA, João Roberto. Vidas secas: trabalho, terra e migração num “livrinho sem paisagens”. *Alea*, v. 21/3, p. 81-100, set-dez. 2019.

MELO NETO, João Cabral. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995.

MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

OLIVEIRA, Francisco de. A questão regional: a hegemonia inacabada. *Estudos Avançados*, v. 7, n. 18, p.43-63, ago. 1993.

PAULA, João Antonio de. *Notas sobre a economia da borracha no Brasil*. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 1980.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Boletim de Ariel*, n. 8. Rio de Janeiro: Ariel, 1938.

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. 114.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

RAMOS, Graciliano. *Conversas*. Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla (Orgs.). Rio de Janeiro: Record, 2014.

RAMOS, Graciliano. *Garranchos: textos inéditos*. Thiago Mio Salla (Org.). 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 161.ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

RETIRANTE. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004. Edição eletrônica.

ROGERS, Thomas D. *As feridas mais profundas: uma história do trabalho e do ambiente do açúcar no Nordeste do Brasil*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

SERTÃO NORDESTINO. In: FILHO, José Molina; REICHARDT, Klaus; TOLEDO, Francisco Ferraz de. Aristeu Mendes Peixoto (Coord.) *Enciclopédia agrícola brasileira: S-Z*, v. 6. São Paulo: Edusp, 2007.

SILVA, Luiz Osiris da. *A luta pela Amazônia*. São Paulo: Fulgor, 1962.

SILVA, Maria Ediney da. *O Nordeste nos livros didáticos de geografia de 1905-1950*. 2012. 172fs. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOUZA, Itamar de. *Migrações internas no Brasil*. Petrópolis: Vozes; Natal: Fundação José Augusto, 1980.

TEÓFILO, Rodolfo. *A fome; Violação*. Otacílio Colares (Org.). Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.